

Lula vê país no "abismo"

GEORGE ALONSO

São Bernardo do Campo - Helvio Romero

SÃO PAULO - O candidato a presidente pela frente oposicionista União do Povo Muda Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), disse ontem que "Fernando Henrique Cardoso é o carrasco da economia brasileira, responsável por um dos maiores desastres econômicos da história do Brasil". E foi além, ao sair de seu apartamento em São Bernardo do Campo, no ABC paulista: "Acho até incompreensível que as vítimas votem em seu carrasco".

Embora tenha evitado admitir claramente a derrota àquela hora, 8h20, para não desanimar a militância logo cedo, o tom do líder petista apontava para isso. "Apesar de ter sido escondida da opinião pública, tentamos mostrar a profundidade da crise. Alertamos o povo para a gravidade do que está por vir. Quem não acreditou, vai perceber a partir de segunda-feira, o que vai acontecer neste país na próxima semana", previu Lula, num discurso em tom de missão cumprida, referindo-se ao provavelmente rigoroso pacote pós-eleitoral do presidente.

"Abismo" - Para Lula, "o Brasil volta aos patamares da década de 80". O país, segundo ele, "está à beira do abismo, e a parte da população que pode cair nele é a mais pobre, que é a mais desamparada. Os ricos já estão tirando seu dinheiro daqui".

Acompanhado pela mulher, Marisa, Lula votou às 9h, na 70ª seção da 296ª zona eleitoral, em um colégio da rede pública paulista, no bairro de Assunção, em São Bernardo. Beijou seu título de eleitor, na pose para um batalhão de fotógrafos que se acotovavam na sala de votação. Ao sair, voltou a se queixar do processo eleitoral. "Foi a eleição mais manipulada da qual participei, do ponto de vista da despolitização da sociedade, até porque FH se escondeu na faixa de presidente", disse Lula, antes de voltar para o comitê central da campanha, no Pacaembu (região central da capital paulista), para se encontrar com os correligionários Marta Suplicy, candidata a governadora de São Paulo, e o senador Eduardo Suplicy. Lula também se queixou da mídia, que, na sua opinião, favoreceu o candidato à reeleição.

Aliança - Após a terceira derrota consecutiva em disputas presidenciais, o futuro de Lula é uma incógnita. Ele próprio foi lacônico: "Não sei. Vou

deixar para a bola de cristal". Lula perdeu em 1989 para Fernando Collor (no 2º turno) e em 1994 para Fernando Henrique (no 1º turno). Ele resistiu à candidatura presidencial, e só cedeu depois que foi formada a maior aliança das esquerdas da história do país, a coligação União do Povo Muda Brasil (PT-PDT-PSB-PCB-PC do B). Correntes mais radicais do petismo, no entanto, tiveram atritos com a direção nacional em função de apoios a candidaturas como a de Anthony Garotinho (PDT), no Rio de Janeiro.

Embora seja um líder popular e carismático, a posição de Lula fica mais vulnerável depois do resultado desta eleição. Estão previstos novos conflitos entre as facções internas do PT, que fará, no ano que vem, um congresso para definir seu novo perfil. É natural que, pelo menos temporariamente, Lula fique distante da disputa eleitoral, principalmente para

a sucessão de Fernando Henrique em 2002. Algumas correntes do PT defendem a apresentação de novos nomes ao eleitorado nas próximas eleições majoritárias, a exemplo de Marta Suplicy, que surpreendeu na disputa em São Paulo.

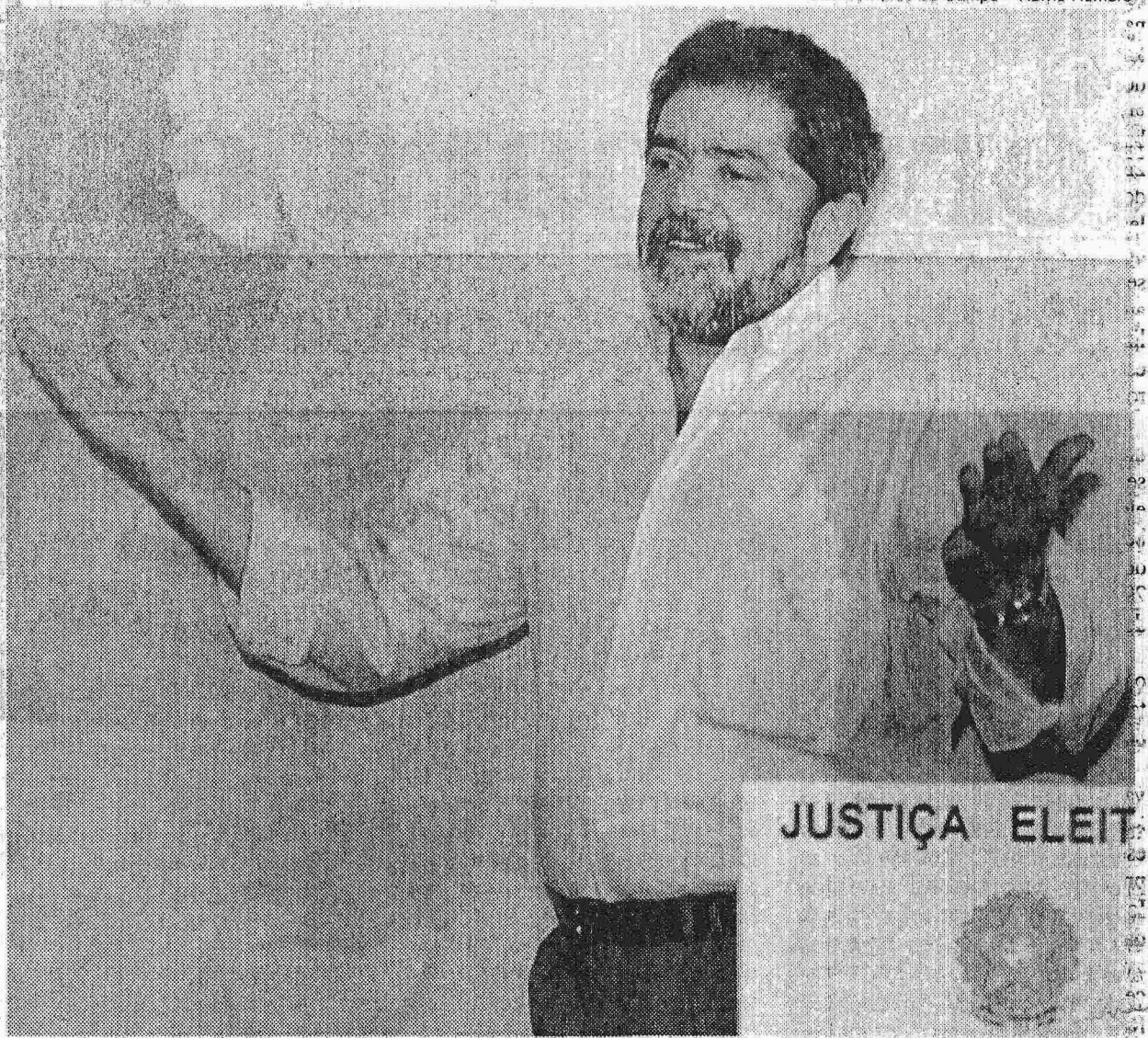
Mudanças - O presidente do PT, José Dirceu, é dos que defendem uma "modernização" do partido, que incluiria uma maior aproximação (ou reaproximação) com a juventude e com os movimentos populares. Além de "mudanças no partido", a agenda do PT para 1999 prevê, segundo Dirceu, marcar posição contra Fernando Henrique, apresentar opções para a crise, defender uma reforma política e "aprofundar" a ação coligada das esquerdas no Congresso, incluindo uma aproximação com setores do PMDB e do bloco próximo a Ciro Gomes (PPS).

"A discussão da fusão PT-PDT es-

tá descartada no próximo ano", enfatizou Dirceu. Esse tema ainda gera forte resistência de boa parcela da militância petista, que vê no PDT um partido menos homogêneo que o PT nos perfis de seus políticos.

Em relação a um novo governo Fernando Henrique, o PT pretende recusar qualquer pacto pela unidade nacional, já proposto pelo atual presidente, para enfrentar a crise que o Brasil atravessa. "Vamos apresentar nossas propostas de reformas, fiscal e tributária", explicou Dirceu, "e mobilizar a sociedade".

Os petistas acreditam que as medidas impopulares que Fernando Henrique deve tomar, a partir de agora, vão gerar grande frustração e insatisfação na população e devem causar um rápido desgaste do presidente, abrindo a possibilidade de a oposição ganhar espaço na opinião pública.



Lula voltou a criticar a "despolitização" da eleição e disse que seu futuro fica por conta da "bola de cristal"